



APOLOGIA DE SÓCRATES, DE PLATÃO: TRADUÇÃO E NOTAS

Palavras-Chave: Apologia de Sócrates, Platão, Tradução Grego Antigo

Autores/as:

MELISSA MOLKA, IFCH - UNICAMP

Prof. Dr. FLAVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA (orientador), IEL - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa consiste em uma tradução com notas da passagem do diálogo *Apologia de Sócrates*, do filósofo grego Platão, a saber: da numeração 24b3 a 28b2. Além da tradução, a pesquisa oferece a transcrição da passagem em seu idioma original, grego antigo.

A passagem traduzida aborda a defesa de Sócrates contra os atuais acusadores. Sócrates faz sua defesa em cima do que essas atuais acusações têm em comum: “corromper os jovens” e “reconhecer novas divindade”. Tanto que, logo no começo da passagem, Sócrates diz que as acusações apresentam algo do tipo: “Σωκράτη φησὶν ἀδικεῖν τοὺς τε νέους διαφθείροντα καὶ θεοὺς οὐς ἡ πόλις νομίζει οὐ νομίζοντα, ἕτερα δὲ δαιμόνια καινά.”¹ Dado que Sócrates, nessa passagem,

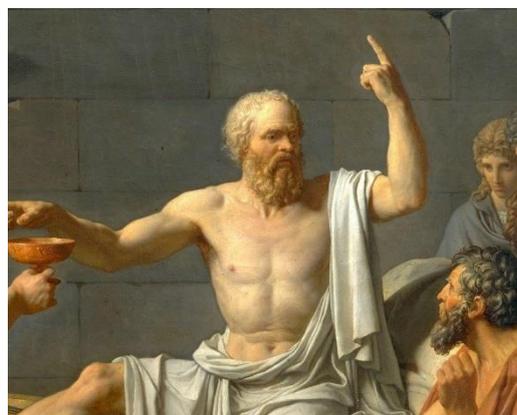


Figura 1- A Morte de Sócrates (fr: La Mort de Socrate), 1787, Jacques-Louis David.

pretende fazer sua defesa levando em consideração somente o que tem comum entre as acusações, Sócrates vai dialogar somente com um dos acusadores atuais que está presente, o poeta Meleto. Portanto, a passagem reflete diretamente o diálogo entre Sócrates e Meleto no tribunal.

Com base nas considerações de Leibowitz (2010, p. 1-2): Sócrates de Platão, apesar de ser uma figura muito antiga, é um guia inigualável para a boa vida – a vida pensativa – que é tão relevante hoje quanto era na antiga Atenas. A *Apologia* é de grande importância, pois é somente nesse diálogo de Platão que o nome de Sócrates é mencionado no título. Talvez, seja a maneira de

¹ Trad. “Sócrates, diz a acusação, é injusto por corromper os jovens e por não reconhecer os Deuses que a cidade reconhece, mas novas divindades.”

Platão nos indicar que este é o texto para conhecer melhor a parte central da vida de Sócrates. Outro sinal da importância do diálogo é que contém não apenas o relato mais extenso de Sócrates sobre sua vida, mas o único relato em que ele promete contar “toda a verdade” sobre seu modo de vida (20c4-d6).

Assim, tendo em vista a importância da *Apologia*, como também a questão sobre a filosofia sofrer com uma carência manifesta na quantidade e variedades de títulos disponíveis como na própria

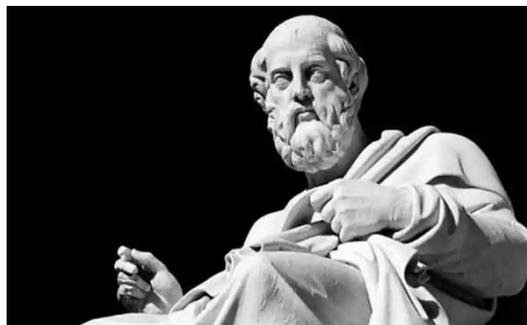


Figura 2 - Platão em mármore (foto:Alamy/Guardian)

qualidade de traduções filosóficas em língua portuguesa, bem como, as traduções que se perpetua de maneira inerte, sem revisão e aprimoramento (MARQUES, 1997), nossa tradução não se trata somente de verter o texto grego antigo para o português, como algo mecânico, mas sim de fornecer uma tradução de boa qualidade e aprimorada. Para tal objetivo, a tradução é acompanhada de notas que justificam as opções de traduções e expliquem alguns pontos que, eu como

estudante de filosofia, julgo importantes para o entendimento do texto.

METODOLOGIA:

Optamos por fazer uma tradução mais natural e precisa com a intenção de manter a linguagem clara e envolvente dos diálogos de Platão, em outras palavras, optamos, como nomeia Camacho (2008, p. 44), pelo prisma da hermenêutica, facilitando com isso (pelo menos aos seus leitores mais jovens) a compreensão e interpretação dos textos, ao mesmo tempo que se esforça por enquadrar a obra traduzida não só no seu tempo, mas até sobretudo na tradição que lhe é pressuposta e que ela continua e desenvolve.

Para tal iniciativa, procurei realizar notas claras, evitando ambiguidades e confusões que poderão surgir durante a leitura. Assim, as notas de caráter filosófico, histórico, cultural, linguístico e/ou etimológico visam: (i) esclarecer as escolhas por uma ou outra solução de passagem, como no caso da opção de tradução para o verbo “*νομίω*”; (ii) fornecer explicações que a tradução para o português não consegue abarcar, como nos casos de expressões idiomáticas; (iii) explicar sobre as referências de figuras mitológicas e outras insinuações extratextuais que aparecem no texto, como quando Sócrates faz referência a Anaxágoras e as Ninfas.

Para transcrever o texto grego utilizamos o texto estabelecido por John Burnet (1989). Para a tradução e notas cotejamos diversas bibliografias, sendo as principais: Burnet (1924); Riddell (1877) – ambas com o texto original e traduzido para o inglês –; Brickhouse e Smith (2002); Rowe (2010); – ambas somente com a tradução –; Denniston (1954); Miller e Platter (2010). Como um dos objetivos da pesquisa é a atenção para uma tradução aprimorada para o português, foram utilizadas algumas traduções publicadas em português da *Apologia*: Alberto Nunes (2015); De Oliveira Pulquérico (2002); Lacerda de Moura (1971); Trindade Santos (2007), fazendo notas que elucide nossas opções de tradução em contraste com as delas. Além disso, contamos com as lexicografias que, apesar de não serem citadas durante tradução, foram utilizadas durante toda a pesquisa: *Aprendendo Grego* (2014);

Dicionário Grego-Português, Ateliê editorial e Editora Mnma (2022); *Gramática Grega* (2012); *A Greek-English Lexicon* (1996).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

- **Transcrição do texto grego:**

"Απιστός γ' εἶ, ὦ Μέλητε, καὶ ταῦτα μέντοι, ὡς ἐμοὶ δοκεῖς, σαυτῶ, ἐμοὶ γὰρ δοκεῖ ουτοσί, ὦ ἄνδρες Αθηναῖοι, πάνυ εἶναι ὑβριστῆς καὶ ἀκόλαστος, καὶ ἀτεχνῶς τὴν γραφὴν ταύτην ὕβρει τινὶ καὶ ἀκολασία καὶ νεότητι γράψασθαι. (27a) ἔοικεν γὰρ ὥσπερ αἴνιγμα συντιθέντι διαπειρωμέν "Ἄρα γινώσεται Σωκράτης ὁ σοφὸς δὴ ἐμοῦ χαριεντιζομένου καὶ ἐναντί' ἐμαυτῶ λέγοντος, ἢ ἐξαπατήσω αὐτὸν καὶ τοὺς ἄλλους τοὺς ἀκούοντας;" οὗτος γὰρ ἐμοὶ φαίνεται τὰ ἐναντία λέγειν αὐτὸς ἑαυτῶ ἐν τῇ γραφῇ ὥσπερ ἂν εἰ εἶποι· "Ἄδικεὶ Σωκράτης θεοὺς οὐ νομίζων, ἀλλὰ θεοὺς νομίζων." καίτοι τοῦτό ἐστι παίζοντας.

Συνεπισκέψασθε δὴ, ὦ ἄνδρες, ἢ μοι φαίνεται ταῦτα λέγειν· σὺ δὲ ἡμῖν ἀπόκριναι, ὦ Μέλητε. ὑμεῖς δέ, ὅπερ (27b) κατ' ἀρχὰς ὑμᾶς παρητησάμην, μέμνησθέ μοι μὴ θορυβεῖν ἔὰν ἐν τῷ εἰωθότι τρόπῳ τοὺς λόγους ποιῶμαι.

"Ἔστιν ὅστις ἀνθρώπων, ὦ Μέλητε, ἀνθρώπεια μὲν νομίζει πράγματ' εἶναι, ἀνθρώπους δὲ οὐ νομίζει; ἀποκρινέσθω, ὦ ἄνδρες, καὶ μὴ ἄλλα καὶ ἄλλα θορυβεῖτω· ἔσθ' ὅστις ἵππους μὲν οὐ νομίζει, ἵππικὰ δὲ πράγματα; ἢ αὐλητὰς μὲν οὐ νομίζει εἶναι, αὐλητικὰ δὲ πράγματα; οὐκ ἔστιν, ὦ ἄριστε ἀνδρῶν· εἰ μὴ σὺ βούλει ἀποκρίνεσθαι, ἐγὼ σοὶ λέγω καὶ τοῖς ἄλλοις τουτοισί. ἀλλὰ τὸ ἐπὶ τούτῳ γε ἀπόκριναι· (27c) ἔσθ' ὅστις δαιμόνια μὲν νομίζει πράγματ' εἶναι, δαίμονας δὲ οὐ νομίζει;

– Οὐκ ἔστιν.

- **Tradução do texto:**

– Muito bem, Meleto, ninguém mais vai acreditar nisso e tenho certeza que você também não². Então, para mim, esse aí, homens atenienses, parece ser completamente insolente e indisciplinado, tanto que ele excede essa acusação sem artifício algum ao registrá-la com licenciosidade e imprudência. (27a) Uma vez que ele aparenta estar tentando criar enigmas. "Será que o "sábio" Sócrates irá reconhecer que estou brincando e me contradizendo no que estou dizendo, ou eu enganarei ele e os demais que me ouvem?" Pois ele mostra a mim, contradizer-se ao falar e também nas coisas que ele escreve, como se dissesse: "Sócrates é injusto, pois ele não reconhece os deuses, mas reconhece os deuses." Isso é coisa de quem está brincando.

² Essa frase, caso fosse traduzida literalmente, dificilmente teria uma boa construção. Optei, portanto, por traduzi-la igualmente do modo que traduziu Riddell (1877, p.69): "Very well; nobody else will believe that and I am pretty sure you do not yourself." Ainda sobre essa passagem, Riddell explica que a pergunta respondida afirmativamente foi a opinião, ou em outras palavras, achismo de Meleto sobre o ateísmo de Sócrates, não se Sócrates era realmente ateu — οὕτως σοι δοκῶς; O comentário de Sócrates sobre isso é o de que tem certeza que o próprio Meleto sabe que o está dizendo é falso. Outro ponto da passagem, é que Sócrates, como explica Burnet (1977, p. 194), mostra que Meleto entende tão pouco a acusação que pode ser levado a se contradizer sem dificuldade alguma.

Examinais, homens atenienses, junto comigo, isso que ele parece declarar. E tu, Meleto, responde-nos! Quanto a vós, a respeito (27b) daquilo que vos pedi no início, lembrastes de não interromper a mim enquanto faço os discursos de modo que os cause espanto.³

Há quem, dentre os homens, Meleto, acredita na existência das coisas humanas, mas não acredita na existência dos homens? Que ele responda, homens, e não faça nenhum tipo de interrupção. Há quem acredita na existência de cavalos, mas não acredita em coisas relacionadas aos cavalos? E há quem acredita na existência dos flautistas, mas não acredita em coisas relacionadas aos flautistas? Se tu não queres responder, eu mesmo respondo para ti e para esses outros aí. Não há, excelência.⁴ Então, ao menos, responda essa próxima questão: (27c) Há alguém que reconhece a existência das divindades, mas não reconhece as divindades?⁵

– Não há.

CONCLUSÃO:

Ao assumir o trabalho de tradução, vimos que uma tradução exige muito mais do que somente o conhecimento da língua que será traduzida, outras diversas exigências são necessárias para conseguir apresentar uma tradução com qualidade que facilite a compreensão e interpretação do texto, como por exemplo: o conhecimento da cultura da língua traduzida; o momento histórico em que o texto foi escrito; a intenção que o autor tinha com a obra (mesmo que nunca alcancemos a real intenção); o cotejo de outras traduções; bibliografias referentes as insinuações extratextuais; entre outras exigências.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTO NUNES. Carlos. **Apologia de Sócrates; Criton/Platão**. 3.ed. Belém, PA: Ed. UFPA, 2015.

BURNET, John. **Plato: platonis opera**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

³ Sócrates pergunta se eles estão lembrados do que foi pedido no início do julgamento (17c-17d), a saber: “(..) ἐὰν διὰ τῶν αὐτῶν λόγων ακοιήτέ μου ἀπολογουμένου δι' ὧνπερ εἴωθα λέγειν καὶ ἐν ἀγορᾷ ἐπὶ τῶν τραπεζῶν, ἵνα ὑμῶν πολλοὶ ἀκηκόασι, καὶ ἄλλοι, μήτε α θαυμάζειν μήτε θορυβεῖν τούτου ἕνεκα (..) ” trad.: “(...) vós a ver de escutais os meus argumentos e, durante o discurso de defesa o qual estou acostumado a recitar na ágora em cima das mesas, onde muito de vós escutastes, como também em outros lugares, peço que não façais interrupções e nem espanteis por causa deles (...).” Ou seja, um acordo o qual, durante o discurso de defesa, Sócrates não poderia ser interrompido com tumulto mesmo que o discurso causasse algum espanto. Ainda sobre essa passagem, Burnet (1924, p. 152), observa que a palavra “θόρυβος” pode ter dois sentidos, pois ela significa uma demonstração barulhenta, que pode ser tanto aplausos quanto uma interrupção, ou seja, pode variar de acordo com o contexto. Nesse contexto, portanto, assim como no início da obra, Sócrates está a usando o sentido do segundo significado, como se tivesse pedindo para não ser interrompido com observações irrelevantes, por ex.: brincando ao invés de responde-lo.

⁴ Sócrates, como podemos observar, responde a sua própria questão. Nós devemos supor uma pausa depois de “πράγματα”, durante a qual Sócrates espera em vão pela resposta de Meleto. Cf. Miller e Platter (2010, p. 78).

⁵ Uma observação, de Miller e Platter (2010, p. 78), é que os Deuses são referidos como “δαίμονες,” em particular quando a identidade do Deus é desconhecida. Essa observação sobre a identidade dos deuses, auxilia-nos a interpretar Burnet quando ele explica que, nessa frase, “δαμόνια πράγματα” significa “δαίμονας”, e que há uma brincadeira de Sócrates com a ambiguidade de “νομίζει” e “νομίζει εἶναι” (1924, p.194). Assim, optei por traduzi-la como: “reconhece a existência das divindades, mas não reconhece as divindades.” Ao invés de traduzi-la da seguinte maneira: “coisas demoníacas, sem acreditar em demônios.” Como foi traduzida por De Oliveira Pulquério (2002, p.32), Alberto Nunes (2015, p.117) e Lacerda de Moura (1971, p.55), ou traduzi-la como fez Trindade Santos (2007, p.98): “coisas relativas as divindades, sem acreditar em divindades.” Essa questão é importante, pois como veremos mais a frente, e como também explicam Miller e Platter (2010, p. 78), Sócrates, ao vincular “δαμόνια” e “θεοί”, lançará as bases para sua afirmação de que não há nada inconsistente (ou ilegal) em acreditar em ambos.

- BURNET, John. **Platos's Euthyphro, Apology of Socrates and Crito**. Oxford: Oxford University Press, 1924.
- CABRAL, Luiz Alberto Machado. **Aprendendo Grego, edição brasileira**. São Paulo, SP: editora Odysseus, 2010.
- CAMACHO, Fernando. **A tarefa do tradutor. A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o Português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.**
- DENNISTON, J. D. **The greek particles**. Oxford: Oxford University Press, 1954.
- DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. Manuel. **Apologia de Sócrate; Críton/Platão; introduções, tradução do grego e notas**. 2.ed. Lisboa: Edição 70, 2002.
- Dicionário Grego-Português, Ateliê editorial e Editora Mnma, 2022.
- LACERDA DE MOURA. Maria. **Apologia de Sócrates/Platão; introdução: AMOROSO LIMA**. Alceu; Rio de Janeiro, RJ: Edições de Ouro, 1971.
- LEIBOWITZ, David M. **The Ironic Defese of Socrates: Plato's Apology**. Cambridge University Press, 2010.
- LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. Nova York, Clarendon Press Oxford, 1996.
- MARQUES. José Oscar. Tradução do texto filosófico – O 'Projeto Hume'. São José do Rio Preto, SP: UNESP, 30/09/1997. Disponível em:
<https://www.unicamp.br/~jmarques/pesq/projhume.htm>
- MILLER, P. A.; PLATTER, C. **Plato's Apology of Socrates: a commentary**. Oklahoma Press, Norman, Publishing Division of the University. Manufactured in the U.S.A, 2010
- RAGON. E. **Gramática Grega**. (trad. Cecilia Bartaloti). São Paulo, SP: editora Odysseus, 2012
- RIDDELL. James. **The Apology of Plato: a revised text and english notes**. Oxford: University Press, 1877.
- ROWE. Christopher. **The Last Days of Socrates: Euthyphro, Apology, Crito, Phaedo/Plato**. Penguin Classics, 2010.
- TRINDADE SANTOS. José. **Êutifron; Apologia de Sócrates; Críton/Platão**. 5.ed. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.